



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

UM ENTRELAÇAR DE LUZ E SOMBRA NAS MEMÓRIAS DO BRINCAR

AN INTERTWINE OF LIGHT AND SHADOW IN THE MEMORIES OF THE PLAYING

UN ENTRELAZAMIENTO DE LUZ Y SOMBRA EN LAS MEMORIAS DEL JUEGO

Rita de Cássia Castro Vidal¹
Maria José de Pinho²
Jocyléia Santana dos Santos³

RESUMO

Com esse trabalho se buscou conhecer, por meio das memórias, a importância e os significados das brincadeiras na infância dos feirantes da feira livre de Tocantinópolis- TO, contextualizando o brincar enquanto prática social que contribui para o desenvolvimento humano. Utilizou-se a história oral temática com a colaboração de quatro participantes, que nos trouxeram a atmosfera da feira para essa discussão. Os resultados da pesquisa tornaram possível

¹Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins – PPGE/UFT. E-mail: perola@uft.edu.br.

²Doutora em Educação e Currículo – PUC/SP. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Rede Internacional Investigando Escolas Criativas - RIEC. E-mail: mjpgon@uft.edu.br.

³Doutora em História. Coordenadora do Mestrado Acadêmico em Educação (PPGE/UFT). E-mail: jocyleiasantana@gmail.com.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

compreender as brincadeiras enquanto parte importante da vida, bem como percebê-las como atividade complexa de criação e recriação de quem brinca, recheada de símbolos e significações próprias do jogo.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias. Brincadeiras infantis. História Oral.

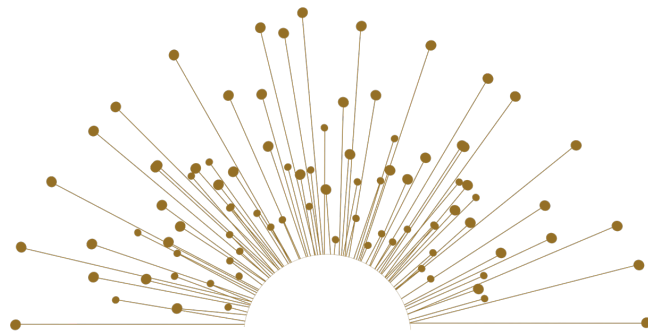
ABSTRACT

With this work, we sought to know, through the memories, the importance and meanings of childhood games in the fairgrounds of the free trade fair of Tocantinópolis - TO, contextualizing play as a social practice that contributes to human development. Thematic oral history was used with the collaboration of four participants, who brought us the atmosphere of the fair for this discussion. The results of the research made it possible to understand the games as an important part of life, as well as perceive them as a complex activity of creation and recreation of those who play, full of symbols and meanings of the game.

KEYWORDS: Memories. Childrens play. Oral History.

RESUMEN

Con ese trabajo se buscó conocer, por medio de las memorias, la importancia y los significados de los juegos en la infancia de los feriantes de la feria libre de Tocantinópolis - TO, contextualizando el jugar como práctica social que contribuye al desarrollo humano. Se utilizó la historia oral temática con la colaboración de cuatro participantes, que nos trajeron la atmósfera de la feria para esa discusión. Los resultados de la investigación hicieron posible comprender los juegos como parte importante de la vida, así como percibirlos como actividad compleja de creación y recreación de quien juega, rellena de símbolos y significaciones propias del juego.



REVISTA CAPIM DOURADO
Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

PALABRAS CLAVE: Memórias. Jogos infantiles. Historia Oral.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

“É preciso brincar, brincar seriamente, brincar profundamente.”

Cunha (2007).

Introdução

Evoca-se a epígrafe para instigar o pensamento sobre a brincadeira, enquanto atividade que possibilita o desenvolvimento de potencialidades, sociabilidade e interação social, destarte ressalta-se que para a criança brincar corresponde a um trabalho, é coisa séria. As situações lúdicas desafiam a criança e despertam seu pensamento, leva a testar seus limites e possibilidades de acordo com o que permite sua condição atual (CUNHA, 2007). Ainda neste sentido, nota-se também que a brincadeira contribui para o desenvolvimento afetivo como a administração de conflitos internos tais como lidar com perdas, desafios e regras.

Deste modo, luz e sombra no brincar é um jogo de palavras que incita uma reflexão sobre essa atividade tão presente na vida das crianças quanto na nossa criança interior. Este trabalho busca conhecer, por meio das memórias, a importância e os significados das brincadeiras na infância dos feirantes da feira livre de Tocantinópolis, deste modo, contextualizou-se o brincar enquanto prática social que contribui para o desenvolvimento humano, através de breve revisão bibliográfica.

A pesquisa teve a participação de quatro entrevistados, em que para preservar suas identidades, identificaremos com nomes fictícios: Antúrio, Rosa, Melissa e Gardênia, com os quais foram realizadas entrevistas gravadas com transcrição literal.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

O número de entrevistados condiz com a metodologia de História Oral no que concerne a critérios qualitativos previstos por essa metodologia, de acordo com Alberti (2004), a decisão para a escolha dos entrevistados bem como seu quantitativo depende dos objetivos da pesquisa, se for desenvolvida “fora do âmbito de um programa de história oral, o número de entrevistados pode até se restringir a uma única pessoa” (Ibid. p. 35).

A metodologia de História Oral permite aos participantes ser co autores da pesquisa. Destarte, o trabalho foi desenvolvido sob a perspectiva da história oral temática, que versa sobre um tema em específico, neste caso as memórias das brincadeiras infantis de feirantes, valorizando as experiências e vivências dos entrevistados (ALBERTI, 2004).

Primeiramente discorre-se sobre o conceito de memória, em seguida, de forma breve, sobre a história do lugar que abriga o *lócus* de pesquisa, a cidade de Tocantinópolis, depois procurou-se entender sobre as feiras bem como apresenta-se o delinear da pesquisa, para prosseguir à discussão sobre o brincar e suas teorias e a análise das entrevistas. Realizou-se também de forma sucinta, uma pequena coletânea dos modos de brincar descritos pelos entrevistados para a apreciação desse baú cheio de surpresas que advém da memória lúdica.

O que há no baú? Memórias.

A temática trata de memórias das brincadeiras infantis de feirantes que brincaram, assim como a maioria das crianças. Buscou-se fazer um recorte no tempo em que se decidiu como público alvo feirantes com idades a partir de 35 anos, remontando a infância a partir da década de 80 do século XX. Autores como



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

Halbwachs (1990), ofereceram importante suporte para a discussão sobre memória com o intento de propor um diálogo com o debate acerca da cultura lúdica, suscitado por Gilles Brougère (2010).

Mas de que forma a memória pode colaborar para este estudo? Conforme Leal (2012, p.1) "as memórias de um indivíduo nunca são só suas, nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade", posto que em sua dimensão social, de acordo com os pressupostos de Halbwachs (*apud* LEAL, 2012), as memórias são construtos sociais e são os sujeitos que possuem poder de decidir quais lembranças são memoráveis, onde e como podem ser preservadas.

Sob um enfoque psicológico pode-se dizer que a memória se dá de forma individual na medida em que, para que exista é necessário que haja um acontecimento e um indivíduo que o vivenciou e, portanto, que consiga lembrar do evento e guardá-lo, nesse sentido compreende-se a noção de memória como faculdade de armazenamento de informações (LEAL, 2012). Todavia, com base nos pressupostos de Halbwachs (1990), entende-se memória sob seu aspecto social em que a memória individual não deixa de existir, mas mantém uma relação intrínseca com a memória coletiva, assim como a cultura lúdica está inserida na cultura geral.

No baú de nossas memórias, há um arcabouço de experiências e vivências, que são as lembranças personalizadas do passado que fazem parte do estabelecido em uma coletividade, mas não se confunde com ela. As memórias individuais se apoiam na memória coletiva no sentido de que "toda história de nossa vida faz parte da história geral" (HALBWACHS, 1990, p. 55). Assim, de acordo com esse autor, para que um indivíduo possa recorrer ao passado, há a



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

necessidade de referências exteriores para se reportar às lembranças dos outros, à memória coletiva de modo a reforçar, refutar, ampliar ou completar o que se sabe sobre determinado acontecimento.

Percebe-se que a memória individual dos entrevistados se entrecruza com a memória coletiva, ao evocar o lugar, as pessoas, os costumes, as brincadeiras, os sentimentos. São memórias vividas em grupo, que ainda fazem sentido na consciência desse, embora no passado, o rememorar é presente, deste modo a memória individual se reestrutura na coletividade continuamente.

Desenhando o contexto histórico e suas tessituras

Esta pesquisa acontece em Tocantinópolis, a eterna Boa Vista do Padre João⁴, 158 anos de história, cidade que um dia já foi centro de grandes riquezas, e continua sendo com seus encantos espalhados pelas ruas, praças, igrejas, sua linda beira-rio, lugar de onde se assinalou a 'boa vista', bem como fora palco de muitos conflitos, guerras, disputas territoriais e por poder.

Elevada à categoria de cidade em 1858 pela Lei Provincial nº 02, reconhecendo como seu fundador Pedro José Cipriano, que chegara a esta cidade em 1825, quando decidira fugir dos trabalhos forçados durante a abertura de um canal no baixo Tocantins, saíra do Pará à procura de um lugar para se estabelecer (CORREIA, 1977), vislumbrou nas belezas naturais e profícuas desta terra, lugar perfeito para reconstruir sua vida.

⁴Padre João de Sousa Lima (1869-1947), importante líder e personalidade tocaninopolina, um padre guerrilheiro e grande articulador político, foi deputado estadual de 1910 a 1914 e prefeito da cidade em 1945. Lutou contra as tendências ditatoriais da época bem como as práticas centralizadoras estatais que privilegiavam determinado grupo ou partido político.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

Todavia a história da cidade remonta um pouco mais de tempo, mais precisamente 1818, à época das capitânicas e expedições de bandeirantes pelo interior do Brasil com o intuito de conquistar e devastar terras e os povos que as habitavam, inclusive foi neste ano que partiu de Pastos Bons no Maranhão, uma bandeira que trouxera alguns dos primeiros habitantes destas terras de magníficos babaçuais e riquezas naturais (CORREIA, 1977).

Tocantinópolis atualmente possui uma área territorial de 1.077.073 km², sua população, de acordo com o censo demográfico do IBGE/2010 é de 22.619 habitantes, o bioma é o cerrado, que por todos os lados encanta com suas belezas e riquezas naturais. Nota-se que não há muitas opções de trabalho, esporte, lazer ou movimentos culturais na cidade, as oportunidades de emprego em Tocantinópolis advém do comércio ou serviços, aproximadamente 34% do PIB: supermercados, lojas diversas, feira. E cerca de 47,57% do PIB⁵ do município vem do serviço público, mas não há vagas para todos, então muitos migram para outros lugares como Araguaína e Palmas em busca de oportunidades.

Há um *campus* universitário da Universidade Federal do Tocantins-UFT, que oferece os cursos de Pedagogia, Ciências Sociais, Educação do Campo e Educação Física, mas ainda há muito para que a cidade cresça, floresça e se orgulhe de sua própria história, o que só é possível ao reconhecê-la e se enxergar como parte ativa dela, desta forma ressignificando e reconstruindo sua identidade.

Nesse âmbito inclui-se também os povos 'indígenas', que há muito se sabe o quanto sentem a perda de seus territórios e vidas, com o silenciamento de suas

⁵Informações colhidas no site do IBGE, censo de 2010: <http://www.cidades.ibge.gov.br/>.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

vozes e o sutil apagar de seus corpos na sociedade, tão sutil e enraizado preconceito que, para submeter este povo a um 'nível' inferior, criam-se rótulos tão irracionais quanto o próprio preconceito como o de serem 'selvagens, preguiçosos, cheios de privilégios e o de existir muita terra pra pouco índio' e assim congelam essas pessoas no tempo (FREIRE, 2000), como se fossem a-históricas, marginalizando-as a ponto de não serem consideradas gente e tampouco parte importante da história do país, a segregação faz perder incomensuráveis riquezas presentes nas diferenças.

Aponta-se esse curto cenário porque Tocantinópolis possui uma importante etnia, os *Apinayé*, conhecidos como guerreiros e trabalhadores, descendentes dos povos Timbiras orientais pertencentes ao tronco Macro-Jê e família Jê (ALBUQUERQUE, 2007), os quais passaram por muitos conflitos que os levaram a perda de grande parte de seu território bem como a redução de sua população por meio do contato com os não-índios. Neste âmbito sua presença forte e marcante, enriquece ainda mais a construção sócio-histórica-cultural e identitária da cidade, estão presentes na economia local com seus artesanatos e venda de produtos nativos como açai e bacaba inclusive na feira.

Conforme assinalado, tem-se uma tessitura que, como um tecido, é composta por diferentes tramas que juntas formam a história do lugar, o sentimento de pertença a uma comunidade e o orgulho que se tem dela, diante de seus prós e contras, sabendo que a história é escrita a muitas mãos e vozes, representantes da história de ocupação do norte de Goiás.

É dia de fazer a feira: a feira livre de Tocantinópolis



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

A feira, com todo o seu colorido, diversidade, sabores, aromas, sorrisos, conversas, pessoas, ultrapassa o caráter puramente econômico, é um lugar de encontros onde vendedores e compradores estabelecem suas relações comerciais, mas também interagem em uma trama de trocas culturais já que muitos feirantes vêm de outras localidades e cidades.

É um espaço de interação entre sujeitos tão diversos quanto complexos, ressalta-se que a complexidade se dá no sentido de que é um tecido constituído heterogeneamente num conjunto de acontecimentos, interações e ações (MORIN, 2007). Pode-se dizer que é uma esfera de construção de laços afetivos e de amizades.

As feiras, como espaços de relações sociais, também revelam traços marcantes da cultura da cidade da qual fazem parte e isso nos levou a mergulhar nesse *lócus* à procura de traços da cultura lúdica tocantinopolina e os significados que as brincadeiras tiveram na infância para a vida desses sujeitos feirantes.

A feira livre de Tocantinópolis, como é conhecida, foi inaugurada em 1994, na gestão do prefeito Eurivaldo Gomes, recebendo o nome de Feira João Damasceno de Oliveira, informação encontrada na placa de inauguração da feira e na Lei 573/1994, a qual denomina logradouro público e que, gentilmente, fora fornecida uma cópia pela Câmara dos vereadores da cidade. Ao que tudo indica, as pessoas não reconhecem a personalidade que nomeia o logradouro, tampouco encontrou-se maiores informações a respeito, por este motivo, nos reportaremos ao *lócus* de pesquisa como Feira livre de Tocantinópolis.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

Há registros históricos reveladores de que as feiras são formas milenares de comercialização de produtos agrícolas entre outros. De acordo com Sales, Rezende e Sette (2011, p. 2):

Existem registros de que os povos sumérios já faziam uso desse processo de comercialização em 3.000 a.C., fazendo trocas e barganhas em um local específicos da cidade, em um dia determinado da semana.

Ressalta-se que esse tipo de comércio tem suas peculiaridades e singularidades as quais se pode observar: a oferta de produtos em pequena escala produzidos a partir de mão de obra artesanal, ou horticultura oriunda de hortas comunitárias sem agrotóxicos e que potencializa a agricultura familiar, venda de animais como galinhas e porcos caipiras de criação em pequena escala. Além é claro, das relações de "amizade e confiança estabelecidas entre feirantes e fregueses, ao longo do tradicional ato de 'fazer a feira'" (SALES, REZENDE, SETTE 2011, p.2).

Agora que se sabe um pouco sobre o *lócus* de pesquisa bem como a história da cidade, abordar-se-á de forma especial aqueles que dão vida aos espaços e lugares: as pessoas, e aproveita-se para destacar suas reações ao tomar conhecimento da pesquisa antes de aceitar participar dela.

Quando se é pego de surpresa para conceder uma entrevista, muitos nem acreditam! Surpresa e brilho no olhar de quem revela sua vida sofrida de trabalhador e trabalhadora desde a tenra fase da vida chamada infância. Brilho maior se destaca ao relembrar os tempos de outrora, a casa onde vivera, as brincadeiras e toda a alegria de se sentir livre e liberto das obrigações por alguns mágicos instantes. Assim, a pesquisadora e sua equipe de apoio foram recebidos, pelos entrevistados: com solicitude, alegria, mas também certo pesar e nostalgia.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

Os participantes da pesquisa foram: Antúrio, 72 anos, nascido em 1944, é feirante há mais de 40 anos e vigia na prefeitura há 8 anos, trabalhou durante a infância na lida da roça para ajudar os pais; Rosa, 49 anos, nascida no ano de 1967, é feirante há 30 anos, também trabalha desde criança, durante sua infância morou na zona rural e ajudava seus pais com os trabalhos de casa, cuidando dos irmãos mais novos, por vezes na plantação/colheita de cereais como milho; Melissa, 41 anos, nascida em 1975, feirante há 5 meses, porém já trabalhou em lojas, também informou que trabalha desde a infância; Gardênia, 61 anos, nascida no ano de 1955, é feirante há mais de 30 anos, contou que fez curso de magistério e atuou em sala de aula, hoje é aposentada, como os demais, veio da zona rural e trabalhou durante a infância para ajudar os pais no cuidado dos irmãos mais velhos, assim como na roça da família.

O delinear da pesquisa

Ao longo do texto, fizeram-se alguns apontamentos acerca dos objetivos da pesquisa, sobre os entrevistados, o *lócus*, agora atentar-se-á especialmente ao caminho metodológico percorrido.

Um dos principais objetivos desta pesquisa é conhecer, por meio das memórias, os significados das brincadeiras na infância dos feirantes da feira livre de Tocantinópolis em seu processo de desenvolvimento social. A pesquisa se configura como um estudo exploratório, de abordagem qualitativa e tem por base a metodologia da História Oral Temática.

Primeiramente, justifica-se a história oral enquanto metodologia porque conforme Alberti (2004, p. 37):



REVISTA CAPIM DOURADO
Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

Privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participam de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo como forma de se aproximar do objeto de estudo.

Nesse sentido ao valorizar o depoimento das pessoas, busca-se entender o universo dos significados, o que coaduna com os preceitos da pesquisa social qualitativa de “aprofundar-se no mundo dos significados das ações e relações humanas” (MINAYO, 1994, p. 22).

Este estudo é exploratório porque permite um planejamento flexível, concedendo uma visão geral do fato e se constitui como primeira etapa de uma pesquisa mais ampla (GIL, 2008). Ainda de acordo com Gil (2002), essas pesquisas envolvem além de levantamento bibliográfico, como o que se fez para fundamentar teoricamente a pesquisa no constante aos termos utilizados como memória, história oral (metodologia), o brincar e a atividade lúdica, envolvem também “entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado” (GIL, 2002, p. 41).

O procedimento utilizado foi a pesquisa de campo que admitiu, de forma flexível, rever alguns objetivos do projeto de pesquisa de acordo com visitas de observação do campo e levantamento de possíveis participantes. Acerca da pesquisa de campo, Gil (2002, p. 52) afirma que

O estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio de observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações do que ocorre no grupo.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

Utilizou-se como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada que de acordo com Lüdke (1986, p. 34) “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”. E assim, sendo a entrevista norteada por um roteiro, obteve-se maior liberdade para modificar, acrescentar ou retirar questionamentos conforme a necessidade durante o processo.

Antes da entrevista gravada, mapeou-se o campo com levantamento dos possíveis participantes, marcados local e data das entrevistas, esclarecendo do que se tratava a pesquisa, seus objetivos e finalidade, informando que a qualquer momento o entrevistado poderia desistir de participar.

Entre o brincar e a feira: o que revelam as memórias?

Vivencia-se uma época em que o tempo e o espaço para as brincadeiras infantis vêm sendo suprimidos, aos poucos substituídas por outras atividades que agreguem algum tipo de valor social rentável, que apresente um renome social, com propósito externo que não apenas o ato de brincar por brincar (BARROS, 2009) como: aulas de dança, de inglês, natação, esportes, pelo trabalho ou ainda podem ser substituídas por celulares, tablets, para efeito de distração em jogos, aplicativos e mesmo redes sociais.

Com efeito, as atividades citadas acima têm seu valor, atividades físicas como prática de esportes e dança, por exemplo, ajudam no desenvolvimento de habilidades relacionadas a condutas motrizes, à corporeidade, à cultura entre outros aspectos, mas a brincadeira, também tem seu lugar na vida da criança, e



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

é diferente de exercícios porque se trata de um jogo simbólico, em que a criança não apenas se movimenta como também representa.

Observe-se que quando a criança escolhe correr, não realiza essa atividade apenas pelo prazer funcional, mas por um prazer relacional (NEGRINE, 2011), isto é, brincar de correr com seus amigos passa de um mero exercício que daqui a pouco pode progredir para 'polícia e ladrão', 'pega-pega', 'pique no alto', 'pique-cola'. Como se pode perceber, a criança não está apenas correndo e, ao se pensar nisso, é possível enxergá-la em sua totalidade e complexidade (MORIN, 2007), no sentido de que é um ser dinâmico e que sua relação com o meio não é pautada por uma dualidade em que se excluem as possibilidades: ou é brincadeira ou é atividade séria. A complexidade permite compreender que essas duas premissas não se excluem, se completam e complementam.

As formas de pensar anteriores ao período da história denominado como Romantismo traziam essa representação do brincar como uma atividade oposta a trabalhar, "caracterizada por sua futilidade e oposição ao que é sério" (BROUGÈRE, 2010, p. 21), o que acaba por salientar características negativas valorizando mais atividades "sérias" que demonstrem resultados palpáveis.

Antes de prosseguir com a discussão, façamos uma pequena observação sobre a palavra distração referenciada inicialmente, porque muitas pessoas ainda entendem que a ação de brincar é apenas distração, desta forma remonta-se ao pensamento de Locke (*apud* BARROS, 2009), quando afirmava que a relação da criança com o brinquedo era uma atividade que servia de distração e podia ser substituída por outra. Assim questiona-se: será mesmo que a brincadeira pode



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

ser substituída? Ela não pode ter seu espaço na vida das crianças em conjunto com as demais atividades?

No tocante a esse ponto, destaca-se a fala de uma entrevistada quando questionada se as brincadeiras poderiam ser substituídas por outras atividades. Dona Gardênia (2016), afirma que “a brincadeira tem seu espaço, outras atividades tem o espaço delas também, [...] a brincadeira é essencial na vida da criança, então não pode deixar ela de lado”. Nesse sentido, essa entrevistada pauta sua opinião no equilíbrio e assevera que a brincadeira importância na vida da criança, não deve ser substituída, mas pode ser complementada por outras atividades.

Como mencionado, o termo distração ainda permeia o imaginário das pessoas, por se pensar que o brincar não contribui para o desenvolvimento das potencialidades e capacidades humanas, remontando uma visão naturalista de homem onde a atividade de brincar era vista desconexa das experiências sociais (BARROS, 2009).

Outra assertiva de dona Gardênia (2016), se refere à brincadeira como essencial para a vida da criança, para ela uma criança que não brinca “não é uma criança completa, falta alguma coisa pra ser uma criança alegre, feliz”.

Ao dizer isso, a entrevistada corrobora com o pensamento de Cunha (2007) ao assegurar que brincar é importante porque traz felicidade, nutre a vida interior da criança, incentiva a partilha e, deste modo, é o momento em que a criança é desafiada nas situações lúdicas e exercita suas potencialidades, desenvolve a sociabilidade ao fazer novas amizades, ao respeitar os limites do



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

outro bem como seus direitos, aprende a conviver com as diferenças e normas que o grupo estabelece.

Verificou-se que todos os entrevistados revelaram que brincar teve importância em suas vidas enquanto crianças, bem como contribuiu para formar os cidadãos que hoje são, e de acordo com Barros (2009, p. 100) brincar é uma atividade que

Contribui para o processo de formação da subjetividade do indivíduo, considerando que somos formados por nossas experiências sociais pelo contato com os objetos da cultura, durante nossa história de vida.

Todavia percebe-se algo comum em suas falas que sempre se referem com certo pesar: o trabalho.

Todos mencionaram que começaram a trabalhar desde a infância, e que brincar era o momento em que podiam ser livres das responsabilidades de casa, do trabalho, da lida diária, das obrigações. Para o senhor Antúrio (2016), brincar o fazia feliz, o distraía, naquele momento o trabalho deixava de ser a atividade que lhe pesava os ombros como um *tripalium*⁶, porque de acordo com ele, lembrar de sua infância é lembrar primeiramente de trabalho, depois que as memórias das brincadeiras surgem ainda um pouco embaçadas.

Contou que sua lembrança de infância é "cortando lenha no mato, carregando pra casa, trabalhando na enxada. Comecei a trabalhar com 8 anos em

⁶Antigo instrumento de tortura utilizado em países da Europa como Roma, feito de três estacas de madeira bem afiadas. Era também instrumento utilizado por agricultores para bater trigo. Com o passar do tempo, esses termos latinos (*tri*= três *epalum*= pau, madeira, estaca) vieram a dar origem à palavra trabalho.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

São Paulo panhando algodão, eu panhava 1 arroba de algodão”. Dona Rosa (2016) declarou algo parecido:

Minha infância foi muito pesada viu, só de serviço. Eu morava na roça com meus pais, aí lá a gente limpava, a gente colhia arroz, pisava muito arroz no pilão e a gente tinha que capinar quando colhia, aí já passava pra plantar o capim né, depois voltava e ia roçar o mato [...]. Naquele momento em que eu tava brincando, não tava trabalhando, tava divertindo um pouco, meno (pelo menos) esfriando a cabeça do serviço.

Essa mesma entrevistada informou também que tinha dia e horário para brincar: “era no domingo, só no domingo e era de tarde, porque de manhã tinha que lavar roupa, limpar a casa e pisar arroz. E era umas duas horas de brincadeira só”. Melissa (2016), também apresenta a mesma assertiva quanto ao trabalho e diz que nunca teve muito tempo para brincar porque desde cedo trabalhava, mas que para ela as brincadeiras tiveram um papel importante e ainda ressalta que:

Me arrependo porque eu não brinquei foi mais! Quase eu não tive tempo de brincar porque eu trabalhei muito cedo com minha mãe, mas muito importante lembrar que um dia a gente brincou né? Teve um tempo de criança né?

O que se pretende chamar a atenção nessas falas é que o trabalho representou uma sombra na infância dessas pessoas, desde cedo a necessidade de ganhar o pão tornara-se impositiva, forçando-as a adentrar nos “domínios da sociedade, onde os homens lutam pela vida” (HALBWACHS, 1990, p. 42).

Quando dona Gardênia (2016) diz que tinha a responsabilidade de cuidar de seus irmãos e de casa porque era a mais velha, ou quando seu Antúrio (2016) revela que trabalhava desde seus 8 anos apanhando algodão e na ocasião em que dona Rosa(2016) narra sua vida de trabalho na roça, verifica-se que todos



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

tiveram que lidar com situações e experiências não só como uma preparação para a vida adulta, mas, conforme Halbwachs (1990), como a sombra que a sociedade dos adultos projeta sobre a infância. Acerca disso, Halbwachs (1990, p. 42) continua, dizendo que:

A criança pode ser chamada a tomar sua parte em cuidados e responsabilidades cujo peso recai de ordinário sobre ombros mais fortes que os seus; e que ela é, pelo menos temporariamente e por uma parte de si mesma, colocada dentro do grupo daqueles que são mais velhos do que ela.

Mesmo ante as sombras do trabalho na infância, os momentos reservados para o brincar, ainda que poucos, eram especiais e, como ressaltaram os entrevistados, eram momentos de felicidade, divertimento e de coisas boas, a luz então tomava conta do espaço antes sem cor.

Ao contar do que brincavam, as lembranças sempre vinham acompanhadas de sorrisos e um suspiro de saudade. A entrevistada Melissa (2016), conta alegre que brincava de roda, ciranda, de esconde-esconde, de cai no poço. Lembra que esperava ansiosa pela noite, momento reservado para brincar, onde se reuniam em volta de uma fogueira as crianças, adolescentes e até adultos, porque “lá era no sertão, não tinha energia”. Os adultos contavam histórias e relembavam brincadeiras que propunham aos presentes como também brincavam.

Já outra entrevistada, a senhora Gardênia(2016), diz que gostava de brincar de boneca, “aquelas bonequinha de pano”, com suas colegas da vizinhança e irmãos, fazendo roupinhas e as enfeitando, às vezes a boneca era de outro material, o milho:



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

Quando os milho tava botando o cabelin de fora, aquele cabelin loro a gente achava tão bonito e, é... a gente acostumava de pegar as espiguinha né, pra brincar de boneca, pra dizer que era boneca né.

Assim como Melissa, Gardênia também brincou de roda, lembra-se das cantigas como "Bombaquim, Mavé-Mavé", (Bom Barquinho e Sou pobre de marrémarré), brincara de esconder o anel, de casinha à sombra das árvores e também fazia carrinho de latas de sardinha para que seus irmãos brincassem. Rosa (2016) relatara como brincava com suas primas e irmãs de piquenique aos domingos, ou construindo suas bonecas de pano ou de milho como disse: "criava os brinquedos com a criatividade que conhecia", já que seus pais não podiam comprar bonecas industrializadas; brincava de roda, de esconder o anel, de jogar versos e de correr.

E por último o senhor Antúrio (2016), após demorar para lembrar, relatou que brincava nos finais de semana na maioria das vezes sozinho porque não tinha com quem brincar, seus irmãos eram mais velhos e as crianças dos vizinhos moravam longe porque era na roça. Apontou que gostava de correr e jogar bola, também de brincar de carrinho que ele mesmo construía de lata de salada.

Destarte observa-se ao longo das entrevistas os dois aspectos do brincar: a luz que está relacionada à felicidade, a alegria, a momentos de despreocupações, divertimento, de sociabilidade, de encontro consigo mesmo, de leveza; e a sombra, que nesse contexto representa as obrigações e responsabilidades do trabalho pesado na roça, na casa limpando e cuidando de outras crianças, responsabilidades que soavam imperativas ao amadurecimento precoce.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

Compreende-se que o brincar desempenhou papel significativo na vida dessas pessoas, posto que é um dos meios pelos quais a criança encontra possibilidades de descobrir a si e ao mundo, dentro de seus limites, no processo de socialização e construção de sua afetividade num ambiente de interação com os outros. De acordo com Pinto (2003), a brincadeira, como um treinamento para a vida, cria simbolismos que auxilia a criança a suportar frustrações e a desenvolver atividades que podem levá-la a construir a si no presente e futuro.

Portanto ressalta-se que brincar para a criança corresponde a um trabalho, é uma atividade séria e conforme com Cunha (2007) as situações lúdicas desafiam a criança e despertam seu pensamento, levam a testar seus limites e possibilidades de acordo com o que permite sua condição atual. E, nesse sentido, nota-se que a brincadeira contribui para o desenvolvimento afetivo auxiliando a administração de conflitos internos tais como perdas, desafios, regras bem como lidar com situações que ainda estejam distantes de sua compreensão como o trabalho.

Considerações

Ao final desse pequeno estudo, com o aporte da História Oral enquanto metodologia de pesquisa, fora possível vislumbrar que as brincadeiras fazem parte da cultura geral enquanto cultura lúdica (BROUGÈRE, 2010), criação e recriação de quem brinca, recheada de símbolos e significações próprias do jogo. Visualiza-se que o brincar é uma atividade que completa a criança, a faz feliz, a auxilia no enfrentamento de frustrações e sofrimentos e brincando apreende o mundo que a cerca em processos contínuos de ressignificações.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

Percebe-se também que muitas crianças não brincam porque precisam trabalhar e carregam sobre os ombros grandes responsabilidades, todavia mesmo que por pouco tempo, encontram tempo para brincar e ser livres. Conforme Friedmann (1998) a brincadeira é uma atividade que integra a vida social das crianças e faz parte de um patrimônio lúdico-cultural, que permite a interação entre sujeitos (criança-criança, adulto-criança) bem como a socialização de formas de comportamento, pensamentos, ensinamentos e valores.

É visível a importância das brincadeiras na vida das crianças, o que se pode comprovar a partir das memórias dos entrevistados, do modo como se sentiram ao relembrar seus momentos lúdicos, que embora no passado, continuam presentes em suas vidas de modo especial, afinal de contas, todos ainda carregamos uma criança interior que nos permite acreditar que no final do arco-íris existe um tesouro. E reconheçamos, a vida é mais bonita quando é colorida pela imaginação.

Referências

- AGUIAR, A. DA C. P.; SANTOS, J. S. DOS. UNIDADE PRISIONAL FEMININA DE PALMAS: Conselho de Classe Participativo. **Revista Observatório**, v. 5, n. 5, p. 937-961, 1 ago. 2019.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**.– 2. Ed. Rev. e Atual. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Os Apinayé: informações sócio-históricas. In **Revista de Estudos e Pesquisas**, FUNAI, Brasília, v.4, n.2, p.199-219, dez. 2007.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

- ANTÚRIO. Entrevista 1. [dez. 2016]. Entrevistadora: Rita de Cássia Castro Vidal. Tocantinópolis, 2016.
- BARROS, Flávia Cristina Oliveira Murbach de. **Cadê o brincar?:** da educação infantil para o ensino fundamental. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica in: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **O brincar e suas teorias.** – São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- COELHO, A. S.; VALE, V. M. DO. REFLEXÕES EM TORNO DO BRINCAR EM CONTEXTOS DE EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA. **Revista Observatório**, v. 3, n. 6, p. 316-337, 1 out. 2017.
- CORREIA, Aldenora Alves. **Boa Vista do "Padre João"**. Tocantinópolis- Goiás, 1977.
- CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar.** – 4. Ed. – São Paulo: Aquariana, 2007.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. Cinco ideias equivocadas sobre os índios. In **Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH)**. Nº01 – Setembro 2000. P.17-33.
- FRIEDMANN, Adriana. **O direito de brincar: a brinquedoteca.** Adriana Friedmann [et al]. – 4ª ed. – São Paulo: Edições Sociais, 1998.
- GARDÊNIA. Entrevista 4. [dez. 2016]. Entrevistadora: Rita de Cássia Castro Vidal. Tocantinópolis, 2016.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** – 4. Ed. – São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** – 6ª edição. – São Paulo: Atlas, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Trad. Laurent León Schaffter. 2. Ed. – São Paulo: Edições Vértices, 1990.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo de 2010. <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/economia.php?lang=&codmun=172120&search=tocantins|tocantinopolis|infogr%E1ficos:-despesas-e-receitas-or%E7ament%E1rias-e-pib> acesso em 26/01/2017.
- LEAL, Luana Aparecida Matos. Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs. **Linguagem** (São Paulo), v. 18, p. 1-8, 2012. Disponível



REVISTA CAPIM DOURADO
Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

em <<http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/045.pdf>>. Acesso em: 05/01/2017.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação** :abordagens qualitativas. – São Paulo: EPU, 1986.

MELISSA. Entrevista 3.[dez. 2016]. Entrevistadora: Rita de Cássia Castro Vidal. Tocantinópolis, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NEGRINE, Airton. Simbolismo e jogo inSANTOS, Santa Marli Pires dos (org.). **Brinquedoteca**:o lúdico em diferentes contextos. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PINHO, M. J. DE; ARAÚJO, D. M. DE. TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO TOCANTINENSE: uma análise da contribuição para o professor. **Revista Observatório**, v. 5, n. 6, p. 507-528, 1 out. 2019.

PINHO, M. J. DE; PASSOS, V. M. DE A. COMPLEXIDADE, ECOFORMAÇÃO E TRANSDISCIPLINARIDADE: por uma formação docente sem fronteiras teóricas. **Revista Observatório**, v. 4, n. 2, p. 433-457, 1 abr. 2018.

PINHO, M. J. DE. UNIVERSIDADE E CRISE INSTITUCIONAL: perspectivas de uma formação humana. **Revista Observatório**, v. 3, n. 6, p. 274-315, 1 out. 2017.

PINTO, Marly Rondan. **Formação e aprendizagem no espaço lúdico**:uma abordagem interdisciplinar. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.

ROSA. **Entrevista** 2. [dez. 2016]. Entrevistadora: Rita de Cássia Castro Vidal. Tocantinópolis, 2016.

SALES, Aline Pereira; REZENDE, LivianeTourino; SETTE, Ricardo de Souza. **Negócio feira livre**:um estudo em um município de minas gerais. III Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho- EnGPR, João Pessoa- PB, 2011.

SANTOS, J. S. DOS; DA SILVA, E. P.; PEREIRA, I. A. C. BENEFÍCIOS PEDAGÓGICOS DO USO DE EQUIPAMENTOS CELULARES EM SALA DE AULA. **Revista Observatório**, v. 4, n. 5, p. 536-556, 1 ago. 2018.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 2, Maio-Agosto, 2019

SANTOS, J. S. DOS; MACEDO, M. DE L. L. PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: teoria e prática na construção do conhecimento. **Revista Observatório**, v. 3, n. 4, p. 581-602, 1 jul. 2017.

SANTOS, J. S. DOS; OSÓRIO, N. B.; GÓES, E. H. S. TDICS E GAMES NO ENSINO MÉDIO INOVADOR: memórias de professores criativos. **Revista Observatório**, v. 4, n. 4, p. 500-549, 29 jun. 2018.

SILVA NETO, L. S.; MACEDO, M. DE L. L.; OSÓRIO, N. B.; SECHIM, W. Z.; SANTOS, J. S. DOS. NARRATIVAS DE MULHERES: as perdas e o luto. **Revista Observatório**, v. 4, n. 6, p. 776-793, 8 out. 2018.

SOMMER, M. R. R. G.; DE PINHO, M. J. TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E O PARADIGMA EDUCACIONAL EMERGENTE: em favor de uma formação transdisciplinar. **Revista Observatório**, v. 3, n. 5, p. 301-320, 1 ago. 2017.

ZACARIOTTI, M.; PINHO, M. J. DE. ESTÁGIO SUPERVISIONADO EAD: mesmas diretrizes, novas conexões. **Revista Observatório**, v. 5, n. 3, p. 118-144, 1 maio 2019.